

PROJETO ACOLHER: EXPERIÊNCIAS DE DIÁLOGO EM SAÚDE MENTAL CONSTRUÍDAS COM ESTUDANTES DO PRÉ-VESTIBULAR

"ACOLHER" PROJECT: EXPERIENCES IN DIALOGUE ON MENTAL HEALTH BUILT WITH HIGH SCHOOL SENIORS

DOI: 10.16891/2317-434X.v13.e2.a2025.id2150

Recebido em: 31.07.2024 | Aceito em: 10.02.2025

**Érica Atem Gonçalves de Araújo Costa^a, Mirela Studart Mendes Cavalcante^{a*},
Eveliny Costa de Oliveira^a, Lorena de Souza Vasconcelos^a, Melyne Brenda Moiseis de Araújo^a**

Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza – CE, Brasil^a
***E-mail: mirelastudart@alu.ufc.br**

RESUMO

Este relato de experiência visa compartilhar reflexões a partir da extensão universitária Acolher. O projeto objetivou, por meio de encontros em grupo com pré-vestibulandos de uma escola estadual de Fortaleza, criar espaço para diálogo, considerando um cenário em que o modelo educacional sofre transformações advindas da pandemia da COVID-19 e do modelo econômico vigente, além das práticas colonialistas que estão intrincadas na história do país. Teórico-metodologicamente, foram considerados estudos críticos em Psicologia Escolar/Educacional, bem como de reflexões sobre a realidade do ensino médio no Brasil e da Educação como direito e da interface saúde-educação. Analisaram-se diários de campo sobre a ação extensionista, sendo possível identificar aspectos das vivências dos alunos no ensino médio, particularmente no ano final da educação básica. Também foram analisadas as produções coletivas dos estudantes nas oficinas/encontros. Destacaram-se elementos em relação ao contexto escolar, como a sobrecarga, além de como suas relações com familiares, amigos e consigo mesmos, assim como com outras dedicações, por exemplo hobbies, foram impactadas pela preparação para o vestibular, os quais foram explorados considerando marcadores socioeconômicos e históricos constituintes dos processos de subjetivação. Observou-se a potência de intervenções em saúde mental que tensionam aspectos institucionais escolares e promovem escuta aos estudantes, a fim de compreender determinantes das demandas educacionais contemporâneas, na intersecção Psicologia e Educação. Além disso, constataram-se particularidades e limitações da ação realizada, disparando ponderações e desafios para a atuação da Psicologia na promoção de saúde e cuidado no cotidiano e na comunidade escolar.

Palavras-chave: Ensino médio; Acolhimento; Extensão.

ABSTRACT

This experience report aims to share reflections, based on the university extension Acolher. The project's objective was to, through group meetings with High School seniors in a state school of Fortaleza, create space for dialogue, considering a scenery in which the educational model suffers transformations in occasion of the COVID-19 pandemic and the current economic model, in addition to the colonial practices intricate to the country's history. Theoretical and methodologically, studies in Scholar/Educational Psychology were considered, in addition to reflections upon the the reality of High School in Brasil and Education as a right and the health/education interface. For the construction of this report, field journals about the activity and its effects on both the extensionists and the students were analyzed. It was possible to identify aspects of the student's high school experience, particularly, in their last year. The student's collective productions during the meetings were also analyzed. Elements such as overload, their relationships with themselves, families, friends and other dedications, like hobbies, were highlighted, along with the ways in which they were impacted by their preparations for the final year's exams, which were explored considering constituents of their subjectivation process such as socio economic and historical markers. It was observed the potency of mental health interventions that tensionate institutional scholar aspects and promote listening to the students, in order to comprehend in an intricate way the different determinants of the educational contemporary demands, in the intersecction of Psychology and Education. Furthermore, it was ascertained that there were particularities and limitations in the performed activity, launching ponderings and challenges to the psychological actuation in promoting healthcare in the scholar routines and communities.

Keywords: High school; Emotional support; Extension.



INTRODUÇÃO

Historicamente, especialmente tratando-se de uma ex-colônia como o Brasil, ocorreram episódios múltiplos de violência contra minorias socio-étnico-raciais, perpassando escravidão, massacres e direitos humanos negados. Desse modo, entende-se a educação, em todos os níveis, como um direito e um meio de superação das desigualdades sociais (MANZAN; OLIVEIRA; MELO-SILVA, 2023). Visto isso, políticas afirmativas tornam-se imprescindíveis, com o fito de se considerar os que não ocupavam esses espaços outrora (*ibid*).

Em 2012, foi aprovada a Lei nº. 12.711, designada Lei de Cotas. A normatização das cotas seguiu com o Decreto nº. 7.824 e com a Portaria MEC nº. 18. A norma federal versa sobre os princípios afirmativos de universidades e institutos de ensino técnico vinculados ao Ministério da Educação (MEC). Estes têm que destinar “no mínimo 50% (cinquenta por cento) de suas vagas para estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas” (BRASIL, 2012, n.p.), indivíduos pretos, pardos e indígenas (PPI) e pessoas com deficiência (PcDs), “nos termos da legislação, em proporção ao total de vagas no mínimo igual à proporção respectiva de [...] [cada um deles] na população da unidade da Federação onde está instalada a instituição, tendo como parâmetro o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)” (BRASIL, 2012, n.p.).

Contudo, algumas questões importantes precisam ser analisadas, como a defasagem do ensino público (Manzan; Oliveira; Melo-Silva, 2023), destacando-se, em algumas escolas públicas, a falta de estrutura e de investimento, a desmotivação dos professores por conta dos baixos salários, o desinteresse de muitos alunos, seja pelo cansaço físico, seja pela falta de perspectivas para o futuro ou por dificuldades financeiras enfrentadas em tempos correntes (ALVARENGA *et al.*, 2012; VASCONCELOS *et al.*, 2021) e, ainda, pelos altos níveis de violência na escola e no ambiente circundante a ela, no Brasil e no Ceará (IBGE, 2020).

Em outras palavras, o acesso ao ensino superior se configura como um processo permeado de dificuldades para essas populações, repercutindo na produção de contextos de pressão relativa à realização da prova do vestibular e reverberando na potencialização de reações emocionais diversas, como ansiedade e estresse.

Tendo em vista que o termo “ensino superior” pressupõe uma hierarquização de níveis de ensino, o modelo de vestibular adotado nacionalmente organiza-se pela seleção de estudantes tidos como os mais treinados e com o nível de intelectualidade desejável para ingressar na educação superior. Configurando um paradoxo, estudantes do ensino básico público e gratuito, majoritariamente oriundos de grupos sociais marginalizados, não congregam as oportunidades e, portanto, condições mais requeridas para o ingresso no ensino superior. Nessa conjuntura, por se caracterizar como uma espécie de disputa por vagas entre sujeitos díspares, o vestibular corrobora para a manutenção de padrões da elite (QUEIROZ *et al.*, 2015; NIEROTKA; TREVISOL, 2019; MASSI *et al.*, 2022).

De acordo com Melsert e Bicalho (2012), a partir da lógica meritocrática amplamente propagada na sociedade, muitos alunos culpam-se por seu suposto fracasso caso não sejam aprovados no vestibular, “sem compreender os múltiplos determinantes históricos, políticos e sociais envolvidos nesses processos” (p. 155). Observa-se, aqui, que o neoliberalismo não é apenas um sistema econômico, mas um componente subjetivo da sociedade, uma vez que molda os modos de pensar, interpretar e compreender o mundo.

Nesse contexto, percebe-se que a escola foi criada pela governamentalidade moderna (FOUCAULT, 2014; VERONESE; MACHADO, 2022) como um estabelecimento educacional voltado para a disciplinarização e a normalização dos corpos dos estudantes com a finalidade de homogeneização da população sob um discurso neoliberal multiculturalista (PFEIL; ZAMORA, 2021). Invisibilizam-se pela lógica meritocrática aspectos sociais, econômicos e históricos na produção de desigualdades no território escolar, a fim de sustentar idealmente um quadro de oportunidades iguais a todos (SILVA; ARAÚJO; NEGREIROS, 2021).

Nesse sentido, práticas psi costumam adentrar as escolas, identificando comportamentos vistos como “anormais”, estabelecidos por processos de subjetivação alinhados à ideia de perfeição, sucesso e competência. A forma de se portar, o estágio de desenvolvimento esperado para determinada série, estranhezas, excessos, faltas etc. convocam a intervenção de um profissional portador de um saber (VERONESE; MACHADO, 2022) que possa levantar hipóteses, as quais muitas vezes indicam tais

“desvios” (PFEIL; ZAMORA, 2021, p. 2), como transtornos (IBDCRIA, 2024), por meio de instrumentos de avaliação e mensuração, como os testes psicológicos com o auxílio do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais.

Segundo pesquisa do IBGE publicada em 2020, os alunos do Brasil apresentaram sentimentos considerados como prejudiciais à saúde mental. Mais de 30% declararam sentir-se tristes na maioria do tempo ou sempre. Números similares de estudantes contaram sentir como se ninguém se preocupasse com eles e quase 22% relataram que, para eles, a vida não valia a pena ser vivida. Em geral, 17% se auto perceberam em um estado negativo de saúde mental. A pesquisa demonstrou, ainda, que as escolas públicas possuíam maior índice quanto aos indicadores negativos da saúde mental (IBGE, 2020).

No mesmo ano, houve o aparecimento da pandemia da Covid-19, situação que transformou completamente a realidade do mundo. O país teve que buscar se adaptar ao novo cenário, o qual pedia medidas de proteção de saúde, como o distanciamento social, a lida com o adoecimento, morte e luto de entes queridos, o poder da disseminação de informações falsas, além dos impactos nas dimensões sociais, políticas e econômicas.

Nesse sentido, Silva *et al.* (2022) relatam piora no estado de saúde mental dos estudantes brasileiros durante a pandemia. Os alunos entrevistados, adolescentes entre 12 e 17 anos, de escolas públicas e privadas, afirmam que a distância dos entes queridos e a impossibilidade de realizar atividades rotineiras, como ir à escola ou sair com amigos para se divertir, consequência dos períodos de “*lockdown*”, provocaram sentimentos de solidão, tristeza e ansiedade. Ainda, sinalizaram dificuldade de acompanhar as aulas no ensino remoto, citando entraves que vão desde problemas de concentração e fragilidade da interação e dos vínculos com professores e colegas até fatores relacionados à inacessibilidade às aulas, devido à instável conexão de internet, a equipamentos eletrônicos ultrapassados, etc.

Além disso, a pandemia amplificou as vulnerabilidades socioeconômicas, o que contribuiu para o agravamento do sofrimento psicológico entre os estudantes. Tais efeitos provocaram o aumento da preocupação acerca da saúde mental, incitando a ação dos saberes médicos, psiquiátricos e psicológicos (CORREIA *et al.*, 2021). Já no retorno às aulas presenciais, os alunos

demonstram ter perdido o hábito quanto à rotina da escola, apresentando falta de interesse e dificuldade de foco nas aulas e demais atividades escolares, além de um déficit quanto ao aprendizado do conteúdo visto na pandemia (DOS SANTOS; CRUZ, 2023).

O projeto de extensão Acolher, cuja experiência será relatada no presente artigo, foi realizado neste contexto, procurando por brechas na racionalidade instituída por oportunidades de reflexões em que pudéssemos problematizar e trazer possibilidades de intervenções outras (VERONESE; MACHADO, 2022). Essa atividade foi iniciativa do Programa de Educação Tutorial (PET) de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) em uma escola estadual de Fortaleza nos meses de maio e junho de 2023. Objetivou promover encontros em grupo com estudantes pré-vestibulandos e discutir suas vivências, atentando à percepção social vigente do período como transição para a vida adulta, expectativa traçada pelos saberes psicológicos e pedagógicos que pressupõe maturidade intelectual e circunstâncias socioeconômicas viáveis para a tomada de decisões importantes, como qual curso escolher e qual carreira seguir (*ibid.*).

O projeto surge, primeiramente, de maneira a acolher nossas próprias vivências anteriores como estudantes pré-vestibulares, desejanter de amparo psicológico, as quais dispararam contemplações importantes sobre a temática. Tais ponderações levaram à observação da distribuição irregular de psicólogos escolares nas escolas estaduais de Fortaleza, que em 2023 contava com 60 psicólogos nas Coordenações Regionais de Desenvolvimento da Educação (CREDEs) para 750 escolas estaduais, as quais possuem mais de 450 mil alunos (DOS ANJOS, 2023).

Esse dado foi visto como preocupante dada a existência de indicadores de sofrimento psíquico nessa faixa etária, que é discrepante com a oferta de políticas públicas de assistência, de acordo com Xavier (2021). Surgem, também, questionamentos sobre a Lei 13.935, que prevê a atuação de serviços de Psicologia nas escolas da rede pública (BRASIL, 2019).

Diante do cenário exposto quanto ao sofrimento psíquico dos estudantes, agravado pela pandemia, foi aprovada, em 16 de janeiro de 2024, a lei 14.819, que institui a Política Nacional de Atenção Psicossocial nas Comunidades Escolares, como estratégia permanente de

articulação entre Saúde, Assistência Social e Educação (BRASIL, 2024). No mesmo sentido, a Rede Nacional de Pesquisas em Saúde Mental de Crianças e Adolescentes (Rede SMCA) (2023) aponta que as políticas públicas de atenção psicossocial de saúde mental voltadas para a juventude devem ser construídas permanentemente, visando ao acolhimento universal e intersetorial. Desse modo, os desafios postos vão na direção de que ações que se estabeleçam dentro do território escolar ocorram de maneira ampliada, em rede (*ibid*).

Na instituição escolar, o acolhimento relaciona-se ao cuidado social, emocional e acadêmico dos estudantes, existindo uma preocupação, a qual é basilar para promover um acolhimento profundo, de construir vínculo com eles e de entender suas subjetividades (TEIXEIRA *et al.*, 2021), cada qual afetada por condições socioeconômicas (os marcadores de raça, classe e gênero, etc). Além disso, o acolhimento não se destina somente aos estudantes, mas a todo o corpo escolar, cuja participação é essencial para que os cuidados consigam atravessar as paredes da escola. Dessa forma, o acolhimento, como parte do normativo das escolas (obrigações institucionais), constitui vetor de produção de subjetividade no território escolar.

É na resistência à padronização de um sistema educacional que ocorre a luta contra a materialização da educação como espaço mercadológico, de competição e pressão sobre os alunos na busca por resultados. Na arte, na experimentação e na escuta, o Acolher buscou tensionar relações entre escolarização e capitalismo, assim como entre as normas escolares endurecidas e burocratizadas, proporcionando um espaço em que as histórias dos estudantes fossem escutadas de forma a compreender inquietações, sonhos e desejos.

METODOLOGIA/MATERIAL E MÉTODOS

Os grupos foram conduzidos por seis bolsistas do eixo de Saúde Mental do (PET). A escolha da escola pública de Ensino Médio priorizou a proximidade com a Universidade e o interesse da escola em constituir uma parceria. Em reunião com a instituição escolar para pactuação da atividade e apresentação dos objetivos do Eixo, a escola expôs a demanda da discussão sobre saúde mental, posta pelos alunos previamente. Diante disso, foram planejados encontros para discutir saúde mental e cuidado, direcionado aos estudantes.

Em paralelo à realização dos grupos, aconteceram reuniões com a supervisora do projeto, em que foram discutidas notas e diários de campo. Durante esse processo, percepções acerca da relação dos estudantes com a escola eram partilhadas e debatidas, priorizando o que era relatado como prejudicial à saúde mental, sobretudo no tocante à preparação para o vestibular. A partir desses momentos de reflexão, analisamos os registros de campo, percebendo que as queixas dos estudantes extrapolaram a temática do vestibular, levando a debates acerca da gestão da escola e de outros campos de suas vidas. Tais discussões foram problematizadas a partir de perspectivas críticas da Psicologia Escolar e Educacional e referências contemporâneas em saúde mental e juventude, de modo a compor este trabalho.

A extensão ocorreu em cinco encontros, realizados semanalmente ao longo de semanas consecutivas entre os meses de maio e junho de 2023. Cada um era iniciado por um momento de relaxamento, pois a maioria dos estudantes participantes ia às atividades do Acolher imediatamente após saírem de outra atividade escolar, em uma rotina intensa, e se encerravam com a sugestão de alguma atividade a ser realizada pelos participantes em casa. Essas “tarefas de casa” foram planejadas para agir como conexão entre os dias de encontro e fomentar reflexões, e não para serem atividades obrigatórias e/ou exigências, como o termo sugere, na intenção de não agirmos como produtores de mais demandas para seus cotidianos. Por isso, usaremos a expressão “tarefa de casa” entre parênteses.

No primeiro encontro, construímos uma dinâmica de vinculação entre extensionistas e o grupo de alunos, pois estes vinham de diferentes turmas e muitos não se conheciam. Disponibilizamos revistas e imagens variadas, e cada estudante deveria escolher as que mais o representavam, para compor uma colagem. Posteriormente, juntamos as produções e as embaralhamos, de modo que o grupo deveria tentar adivinhar o autor de cada produção. Cada pessoa poderia explicar sua colagem em seguida, apresentando-se.

Levantamos a discussão sobre a importância de momentos como aquele, sendo importante ressaltar que buscamos trazê-los em todos os encontros, trazendo a possibilidade da expressão artística, da ludicidade em meio à monotonia relatada no dia a dia e da potencialidade das trocas livremente realizadas ali. Ademais, falamos

sobre como tais ações são potencializadoras de cuidado em saúde mental, principalmente quando inseridas em um contexto de estudos e rotina escolar extenuante, tensionando as ideias de utilidade do tempo e de descanso, noções que serão mais elaboradas em breve.

Como "atividade para casa", foi solicitado que criassem uma linha do tempo com experiências que impactaram o curso de suas vidas, para haver, a posteriori, um compartilhamento de suas trajetórias (OLIVEIRA NETO, 2023).

O segundo encontro iniciou com a retomada da apresentação da colagem, resultante da costura das produções de cada aluno, visando à percepção de que constituíam ali um grupo plural inserido em um mesmo contexto. Metodologicamente, pretendemos nos contrapor à lógica individualista e promotora de constante competição comum às escolas na preparação para o vestibular, afinal, "[...] a empresa introduz o tempo todo uma rivalidade inexplicável como a emulação, excelente motivação que contrapõe os indivíduos entre si e atravessa cada um, dividindo-o em si mesmo" (DELEUZE, 1992, p. 221).

Ademais, houve a partilha pelos estudantes das suas "linhas do tempo". Ainda, levantamos o questionamento aos alunos sobre suas visões de uma escola "ideal". Desenhamos uma escola e solicitamos que interviessem como desejassem, com o objetivo de compreender suas perspectivas e identificar fatores institucionais que pudessem desencadear sofrimento psíquico. É crucial ressaltar a importância de acessar o que eles tinham a dizer quanto à escola que frequentavam e às mudanças que aspiravam, o que foi possibilitado por meio de uma escuta atenta às suas necessidades singulares, garantindo seu direito de falar por si e legitimar seus saberes, criando possibilidades para que possam narrar as vivências das quais são protagonistas e tornarem-se ativos na realidade em que estão inseridos, buscando, assim, as melhores formas de condição de produção do cuidado (BRAGA; D'OLIVEIRA, 2019).

Como atividade de elo entre as oficinas, sugerimos que criassem "cenários de vida": ambientes e relações que os representassem, por meio do esboço, no papel, da figura do aluno no meio, e, à sua volta, em diferentes distâncias, representando o quão presentes se fazem em sua vida, elementos como família, escola, atividades extracurriculares, outras relações interpessoais,

etc. Buscou-se, por meio desse diagrama, compreender essas relações (OLIVEIRA NETO, 2023). Esta, assim como a primeira atividade para casa, foi inspirada no referencial histórico-cultural, na medida de sua função como mediadores na elaboração da experiência.

No terceiro encontro, os alunos foram incentivados a imaginar suas vidas a médio prazo, destacando tanto onde gostariam de estar quanto onde as pessoas ao seu redor gostariam que estivessem, a fim de compreender suas aspirações e sonhos, que, muitas vezes, podem se pôr em contraste com as expectativas que os familiares, a sociedade, os saberes psis e pedagógicos ou a própria escola impõe sobre eles, configurando um cenário complexo acerca de suas perspectivas sobre futuro.

Solicitou-se ao grupo como "tarefa de casa" que escrevessem uma carta destinada a eles mesmos no futuro, mais especificamente algo que gostariam de dizer a si mesmos antes das provas vestibulares que realizariam naquele ano. Essa atividade foi pensada a partir da compreensão de que a ação do projeto na escola seria pontual, embora pretendesse deixar reflexões duradouras, e que as cartas, assim, servissem como "lembretes" desse período de cuidado e de tais ponderações.

Dessa forma, entende-se a escrita das cartas endereçadas a eles próprios como uma forma de enfrentamento ao assujeitamento (MACHADO; FONSECA, 2019), comum em uma realidade com diárias exigências escolares que extrapolam o pessoal, de modo que ter algo a dizer, mesmo que por meio de uma escrita imaginativa referente ao futuro, reorganiza, altera, inaugura e reinventa as forças em jogo, pois pensar reinventa aquele que pensa (MACHADO; FONSECA, 2019).

O quarto encontro incluiu uma retrospectiva. Dentre as estratégias utilizadas, pode-se citar a leitura de fragmentos de suas narrativas, que registramos durante os encontros, sobre as quais pedimos que comentassem. Por fim, focamos em modos de cuidado possíveis para a realidade dos alunos por intermédio de Psicoeducação e um diálogo com dicas referentes à higiene do sono e estratégias de estudo.

Observa-se a importância de lançar mão de assuntos que possam vir a favorecer a relação entre subjetividade e educação, mas sem entrar em uma posição de "dar aula", em que pretensiosamente a Psicologia

assumiria uma posição dominante em detrimento dos demais atores escolares (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2019). Para mais, confeccionamos e disponibilizamos folhetos com os serviços de Psicologia gratuitos e a baixo custo na cidade, além de um plano de metas que auxiliasse os alunos em sua organização pessoal, facilitando a divisão de tempo para estudos e atividades pessoais, como hobbies ou descanso, ressaltando a importância destes.

Em um encontro adicional, sob nossa companhia e supervisão, e com prévia autorização da coordenação da escola e dos respectivos responsáveis por cada aluno por meio da assinatura de um termo, os participantes visitaram o campus universitário, conhecendo os departamentos situados nos Centros de Humanidades, a sede do PET e os equipamentos do campus. Enquanto percorremos o trajeto, dava-se espaço para o diálogo sobre a experiência universitária, para que os estudantes pré-vestibulandos pudessem tirar dúvidas sobre as possibilidades acadêmicas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Estiveram presentes uma média de dez alunos de diversas turmas de pré-universitários. Essa adjetivação nos foi solicitada pela escola, em vez de “pré-vestibulandos”, corroborando sua relutância, explicitada detalhadamente a seguir, em admitir a possibilidade da não aprovação dos estudantes, prática discursiva que se configurava como mais um elemento de pressão. Os mediadores escolhidos - colagem e linha do tempo - foram reconhecidos como significativos nos momentos de reflexão, de descontração e de pausas em seus cotidianos.

A produção das trocas entre os estudantes e o contexto de participação favoreceram que o grupo pudesse perguntar sobre as nossas próprias implicações, ao pedirem, por exemplo, para compartilharmos nossas linhas do tempo, contrapondo-se a uma lógica que os objetifica como grupo analisado. Relatamos nossas experiências como pré-vestibulandos, contribuindo para o fortalecimento de vínculo entre nós, tensionando delineamentos marcados por neutralidade e hierarquização.

A partir das dinâmicas, identificamos elementos em relação à instituição escolar e ao vestibular que os tocavam, com destaque à sobrecarga, sendo comum entre

eles a adoção de rotinas de estudo desgastantes. Verificamos seu esforço para se adequar aos moldes de produção impostos, que são desenvolvidos devido a aspectos como o modelo neoliberalista intrincado ao funcionamento da escola na atualidade, apontado por Laval (2019).

Para que a escola, funcionando como uma empresa (LAVAL, 2019), alcance bons resultados, não é necessário que os alunos dominem as matérias, mas que consigam reproduzi-las, muitas vezes apenas decorando-as para as provas. Tal movimento pode gerar nos estudantes uma falta de sentido (VERONESE; MACHADO, 2022), uma desvinculação com o processo de aprendizagem em nome do alcance da desejada aprovação.

Os relatos de vivências na escola nos impactaram fortemente, a exemplo das frequentes crises de ansiedade. As estratégias individuais, como sair de sala e tentar se acalmar por conta própria, nos pareceram reforçar um sentimento de impotência e passividade diante dos sofrimentos manifestados em contexto escolar, agravado pela ausência de figuras de acolhimento. Do contrário, a possibilidade de acesso aos educadores estava associada ao receio da avaliação de que não estar bem seria perder tempo na corrida pelo bom desempenho.

As partilhas mediadas pelo desenho da escola (segundo encontro) ampliaram a conversa sobre o que fazer, podendo-se falar de acompanhamento psicológico e outras práticas pedagógicas, assim como de um cotidiano com menos pressão. Em síntese, observamos a ansiedade como central e rotineira, fator que é corroborado por Rocha *et al.* (2022) ao afirmar que seu índice elevado, em alunos, é indicador da percepção do ambiente da escola como não acolhedor.

Neste contexto de escolarização, tal como viemos problematizando, o controle do tempo (permanecer em sala de aula) torna-se um indicador e uma prática que reverbera nas relações entre estudantes, professores e gestores. É comum a presença de fiscais de corredor como engrenagem do aparelho de vigiar (FOUCAULT, 2014), produzindo a associação entre punição e figuras de autoridade, geralmente associadas a coordenadores e diretores.

Segundo Foucault (2014), tal prática vai de acordo com a regra das “localizações funcionais” (p. 141) das instituições disciplinares, afirmando que “lugares

determinados se definem para satisfazer não só a necessidade de vigiar, de romper as comunicações perigosas, mas também de criar um espaço útil” (p. 141). Torna-se habitual sentir-se ameaçado e coagido por medo de sofrer penalidades por não agir de acordo com a norma (*ibid*) e, dessa forma, os regimes de disciplinamento se efetivam em autodisciplinamento, por meio do qual a autoridade da escola é exercida continuamente em si e em torno de si.

Ainda, evidencia-se a pressão explícita que sofriam para que estudassem “o tempo todo”, sendo a comparação e a rivalidade com outros estudantes estimulada, como aponta Deleuze (1992) em trecho supracitado, a partir da perspectiva de não poderem parar nem mesmo em momentos de sofrimento para não ficarem “para trás”. É importante ressaltar, também, que tratavam com naturalidade os momentos de angústia e o seu respectivo rechaçamento, uma vez que a implementação da norma é acompanhada da fixação de regras vistas como incontestáveis (VERONESE; MACHADO, 2022).

A naturalização da rotina desgastante, que contribuía para o desencadeamento de estresse e mal-estar nos estudantes (ROCHA *et al.*, 2022), foi novamente percebida a partir das reverberações do grupo acerca da atividade “cenário de vida”. O momento causou fortes reflexões e trouxe à luz inquietações sobre família, sonhos e hobbies que às vezes ficavam de lado por conta da rotina exaustiva.

Nesse sentido, observamos um achatamento da vida pessoal em termos de experiências extraescolares, principalmente atividades consideradas como autocuidado, movimento produzido em comum pelo grupo e tomado pela sensação de desamparo em relação às angústias do momento pré-vestibular. Essa configuração parecia resultar em significações negativas quanto à rotina, visibilizando uma necessidade de cuidado e de pausa para contemplação sobre os sentimentos do dia a dia, estes que pareciam atingir o grupo como um turbilhão, o qual não possuíam disponibilidade para destrinchar.

A autocobrança naturalizada acarretou, também, o proferimento arraigado, entre eles, de frases autodepreciativas em que seus valores não apenas como estudantes, mas como pessoas, eram mensurados, a partir da capacidade de serem aprovados no vestibular. Desse modo, propomos o exercício da leitura de frases ditas em encontros anteriores, a fim de produzir possibilidade de se

olhar com empatia e praticar a compreensão sobre a sua própria realidade e a dos outros, com conseqüente invenção de outras estratégias.

O momento de Psicoeducação favoreceu o diálogo em torno da insônia e da organização do tempo, a fim de equilibrar estudos, descanso e lazer. Houve espaço para a expressão de dúvidas sobre o acesso aos dispositivos de cuidados, nem sempre conhecidos, a exemplo de atendimentos psicológicos gratuitos em algumas clínicas-escola de Fortaleza.

A proposta de visita ao campus da Psicologia, localizado no Centro de Humanidades II, no bairro Benfica, foi um fechamento simbólico do projeto tanto para os alunos quanto para nós. Para eles, constituiu-se em um momento de grande curiosidade e animação, do interesse em ingressar na UFC e cursar graduação nos campi do Benfica. E, para nós, foi marcante apresentá-lhes a sala sede do PET, a qual foi palco de planos, anseios e expectativas quanto à execução da extensão. Notadamente, andar pelos corredores da Universidade os aproximou dos sonhos em torno do ingresso no ensino superior.

CONCLUSÃO

A produção das oficinas como recurso para diálogo e troca trouxeram à tona movimentos, desde mudanças no cotidiano, relacionadas às reorganizações da rotina, do tempo destinado ao lazer e da adoção de cuidados pessoais, até a retomada de processos psicoterápicos e a elaboração de estratégias como uso de escritas e diários para facilitar a expressão de sentimentos, sem julgamentos morais. Embora não se possa dizer que o projeto Acolher seja o único fator para tais deslocamentos, pode-se pautar o valor das discussões coletivas desenvolvidas nos encontros, podendo-se entender a potencialidade do grupo em promover um espaço de diálogo na escola, inclusive impactando em formulações coletivas, voltadas à organização escolar e não apenas às rotinas individuais.

A realização do projeto em contexto escolar propõe à instituição um olhar mais sensível às demandas psicossociais dos estudantes, tendo sido promovida uma abertura de diálogo entre extensionistas e gestores da escola que reverberam na concretização das ações do projeto. Entretanto, destaca-se o aspecto pontual das

atividades descritas, fato que por si levanta indagações sobre o modelo educacional e a promoção de saúde na contemporaneidade, tendo em vista que os efeitos do projeto diante das demandas dos participantes poderiam ter maior impacto se não realizados de forma isolada.

Tal fato torna-se ainda mais preocupante ao ter sido percebido que, na instituição onde ocorreu o projeto, assim como em muitas outras, há ausência de ações cotidianas no âmbito psicológico endereçadas aos estudantes, questionando-se a necessidade da entrada de um projeto de fora para a realização desse cuidado, que poderia ser eixo do projeto político pedagógico da escola.

A efetivação da Lei nº 13.935 (BRASIL, 2019) e a consequente contratação de profissionais de psicologia vinculados à rede de educação básica, bem como a perspectiva de ações intersetoriais impulsionadas com a Política Nacional de Atenção Psicossocial nas Comunidades Escolares (BRASIL, 2024), podem configurar formas de superar as limitações destacadas, trazendo o cuidado psicossocial para o cotidiano escolar e tornando-o um território de acolhimento, o qual, reiterando a Rede SMCA (2023), deve ser universal.

No tocante à análise sobre a saúde mental dos estudantes, aproximamo-nos de dados como os da PENSE (IBGE, 2019), dos escritos de Laval (2019) sobre os processos que visam à mercantilização da educação, assim como da visualização da rigidez das normas que persistem no território escolar (VERONESE; MACHADO, 2022).

À guisa da conclusão, observamos a potência de intervenções em saúde mental junto a pré-vestibulandos,

articulando a interface saúde mental-escola. Em meio ao cenário aqui exposto, de instituições públicas em processo de mercantilização, alvos do modelo neoliberalista de exigência produtivista e dos processos disciplinares que visam adestrar os corpos, tais práticas permitem ser os espaços de vazão para que possam eclodir os clamores por escuta e pelos desejos das vidas que ali pulsam.

É nesse contexto que o Acolher emergiu como prática insurgente, atuando entre as brechas e construindo, junto aos estudantes, um espaço no qual suas vozes foram ouvidas, suas demandas foram escutadas e que, além de meramente buscar atendê-las, pode-se dialogar, compreender e trocar experiências. Acreditamos que, assim, foram plantadas sementes em formato de reflexões que possibilitem os desejos de novas confabulações na rotina e o florescimento do autocuidado, das redes de apoio e de uma compreensão ampla sobre o vestibular, que permita a ressignificação desse processo.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a abertura da citada instituição escolar e a confiança nas trocas dos estudantes participantes. Bem como, agradecemos aos ex petianos, Lucas Araújo e Gislaíne Maia e ao Programa de Educação Tutorial da Secretaria de Ensino Superior do Ministério da Educação e ao Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Carolina Faria *et al.* Desafios do ensino superior para estudantes de escola pública: um estudo na UFPA. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**. Rio de Janeiro, v. 6, n.1, p. 55-71, 2012.

BRAGA, Claudia Pellegrini; D'OLIVEIRA, Ana Flávia Pires. Políticas públicas na atenção à saúde mental de crianças e adolescentes: percurso histórico e caminhos de participação. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, n. 2, pp. 401-410, 2019.

BRASIL. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas

instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 29 ago. 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm. Acesso em: 24 jul. 2024.

BRASIL. **Lei Nº 13.935, de 11 de dezembro de 2019**. Dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica. Brasília, DF: Diário da União, 2019.

BRASIL. **LEI Nº 14.819, de 16 de janeiro de 2024**. Institui a Política Nacional de Atenção Psicossocial nas

Comunidades Escolares. Brasília, DF: Diário da União, 2024.

CFP - Conselho Federal de Psicologia. **Referências técnicas para atuação de psicólogos(os) na educação básica**. 2. ed. Brasília: CFP, 2019. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2019/08/EducacaoBASICA_web.pdf. Acesso em: 20 jul. 2024.

CORREIA, Ana Maria Batista *et al.* Reinvenção da psicologia escolar em contexto pandêmico: desafios e possibilidades do ensino médio ao superior *In: NEGREIROS, Fauston; FERREIRA, Breno de Oliveira. Onde está a psicologia escolar no meio da pandemia?* ed. Pimenta Cultural, 2021. cap. 17, p. 441-468.

DELEUZE, Gillen. **Conversações, 1972-1990**. 1 ed. São Paulo: Editora 34, 1992.

DOS ANJOS, Samasa. **Efetivação de psicólogos e assistentes sociais nas escolas é cobrada em audiência**. Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, 2023. Disponível em <https://www.al.ce.gov.br/noticias/efetivacao-de-psicologos-e-assistentes-sociais-nas-escolas-e-cobrada-em-audiencia>. Acesso em: 24 jul. 2024.

DOS SANTOS, Alexandro José; CRUZ, Lillian Moreira. Recomposição das aprendizagens na Educação Básica: estratégias pós-pandemia. **Rev. De Estudos em Educação e Diversidade**, v. 4, n. 11, jan/dez, 2023.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramallete. 42 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

IBDCRIA ABMP. REVISTA PROTEÇÃO INTEGRAL - publ. IBDCRIA. Disponível em: https://www.academia.edu/117272890/REVISTA_PROTE%C3%87%C3%83O_INTEGRAL_publ_IBDCRIA. Acesso em: 8 fev. 2025.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa nacional de saúde do escolar**: 2019. Rio de Janeiro: IBGE; 2021.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa: neoliberalismo em ataque ao ensino público**. São Paulo: Boitempo, 2019.

MACHADO, Adriana Marcondes; FONSECA, Paula Fontana. A escrita endereçada como prática de formação e construção de realidade. **Mnemosine**, v. 15, n. 1, 2019.

MANZAN, Júlia Scalón; OLIVEIRA, Marina Cardoso de; MELO-SILVA, Lucy Leal. Trajetórias de estudantes cotistas para o ingresso numa universidade pública brasileira. **Psicologia em Estudo**, v. 28, 2023.

MASSI, L. *et al.* Distinção e classe social no acesso ao ensino superior brasileiro. **Tempo Social**, v. 34, n. 2, p. 69-91, 2 set. 2022.

MELSERT, Ana Luísa de Marsillac; BICALHO, Pedro Paulo Gastalho. Desencontros entre uma prática crítica em psicologia e concepções tradicionais em educação. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 16, n. 1, pp. 153-160, 2012.

NIEROTKA, R.L., TREVISOL, J.V. Desigualdades sociais e elitismo da educação superior brasileira. *In: Ações afirmativas na educação superior: a experiência da Universidade Federal da Fronteira Sul [online]*. Chapecó: Editora UFFS, 2019, pp. 13-39. DOI: <https://doi.org/10.7476/9786550190071.0002>.

OLIVEIRA NETO, José da Silva. A configuração do percurso terapêutico na abordagem histórico-cultural: uma proposta. *In: MELO, Aline Guilherme de; LIMA, Ana Ignez Belém Lima; OLIVEIRA, Artur Bruno Fonseca de; CLARINDO, Janailson Monteiro; OLIVEIRA NETO, José da Silva. Práxis na clínica histórico-cultural: por uma clínica da transformação e do desenvolvimento*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2023, pp. 55-93.

PFEIL, Flávia Maria Cavallo; ZAMORA, Maria Helena Rodrigues Navas. Psicologia escolar e persistências do colonialismo no cotidiano educacional. **Psicologia**

Escolar e Educacional. 2021, v. 25, DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-35392021221972>.

QUEIROZ, Zandra Cristina Lima Silva *et al.* A lei de cotas na perspectiva do desempenho acadêmico na Universidade Federal de Uberlândia. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 96, n. 243, p. 299-320, 2015.

REDE PQ-SMCA - Rede Nacional de Pesquisas em Saúde Mental de Crianças e Adolescentes. **Contribuições para o avanço da Atenção Psicossocial para Crianças e Adolescentes**. Documento Técnico apresentado ao Departamento de Saúde Mental e Enfrentamento ao Abuso de Álcool e outras Drogas do Ministério da Saúde. 2023. Disponível em: www.nuppsam.org; www.ciespi.org.br; www.latesfip.com.br.

ROCHA, Joel Bruno Angelo *et al.* Ansiedade em Estudantes do Ensino Médio: Uma Revisão Integrativa da Literatura. **Id on Line Rev. Psic**. v.16, 60, p.141-158, mai. 2022.

SENADO APROVA CRIAÇÃO DO SISTEMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO COM EMENDA QUE CONTRIBUI COM A EFETIVA IMPLANTAÇÃO DA LEI 13.935. **Conselho Federal de Psicologia**, 2019. Disponível em <https://site.cfp.org.br/senado-aprova-criacao-do-sistema-nacional-de-educacao-com-emenda-que-contribui-com-a-efetiva-implantacao-da-lei-13-935/>. Acesso em: 24 jul. 2024.

SILVA, Ana Virgínia Maria da; ARAÚJO, Débora Magalhães; NEGREIROS, Fauston. O congresso nacional brasileiro no contexto da pandemia de COVID-19: análises a partir da psicologia escolar crítica *In*: NEGREIROS, Fauston; FERREIRA, Breno de Oliveira. **Onde está a psicologia escolar no meio da pandemia?** ed. Pimenta Cultural, 2021. cap 1, pp. 30-65.

SILVA, Ariana Paula; GOMES, Crizian Saar; SILVA, Kênia Çara; MALTA, Deborah Carvalho; FREITAS, Maria Imaculada de Fátima Freitas. Repercussões da pandemia de COVID-19 na saúde mental, no estado de ânimo e nas atividades escolares de adolescentes brasileiros. **Rev. Min. Enferm**. 2022; 26:e-1460.

TEIXEIRA, Daise Margarete Venturin; ELEOTERIO, Isabele Santos; SOUZA, Lorryne Ismael de; BOLZANI, Tiffany Ferraz. Acolhimento e orientação psicológica a estudante do ensino médio: prevenção e cuidado em saúde / Welcoming and psychological orientation to middle school student. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, p. 7935-7940, 2021.

VASCONCELOS, Joyciane Coelho *et al.* Infraestrutura escolar e investimentos públicos em Educação no Brasil: a importância para o desempenho educacional. Ensaio: aval. pol. públ. educ., Rio de Janeiro, v. 29, n. 113, p. 874-898, out. 2021 DOI: <https://doi.org/10.1590/s0104-40362020002802245>.

VERONESE, Lilian Aracy Affonso; MACHADO, Adriana Marcondes. O pensamento institucionalista e a psicologia escolar: desassossegando as lógicas do cotidiano. **Psicologia Escolar e Educacional**. 2022, v. 26, DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-35392022225808>.

XAVIER, Alessandra Silva. Tecnologias em saúde mental junto a adolescentes - guardiões da vida nas escolas. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 12, n. 2, p. 198-208, jul./dez. 2021. o9oo9oo.